

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Agda Mendonça de Siqueira

A Devoção a Santo Antônio em Juiz de Fora

Juiz de Fora - MG

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Agda Mendonça de Siqueira

A Devoção a Santo Antônio em Juiz de Fora

Monografia elaborada pela acadêmica, Agda Mendonça de Siqueira, como exigência do curso de graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob a orientação da Professora Dra. Célia Maia Borges.

Juiz de Fora - MG

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Agda Mendonça de Siqueira

A Devoção a Santo Antônio em Juiz de Fora

Monografia elaborada pela acadêmica, Agda Mendonça de Siqueira, como exigência do curso de graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob a orientação da Professora Dra. Célia Maia Borges.

Aprovado em:

Professora Dra. Célia Maia Borges

Juiz de Fora - MG

2019

RESUMO

O trabalho propõe uma investigação em torno da devoção a Santo Antônio que chegou à região que deu origem a cidade de Juiz de Fora. A devoção a Santo Antônio expandiu-se na localidade, através da ação de um morador da vila chamado Antônio Vidal que era português. Em 1741 Antonio Vidal solicitou licença para a construção de uma capela em sua fazenda dedicada a Santo Antônio. Em sua argumentação demonstrou uma preocupação com o fato de ficar “a maior parte do tempo sem ouvir missa e a sua família, por causa da distância e dos maus caminhos.” A igreja mais próxima que frequentava era em Simão Pereira.

Palavras-chave: Santo Antônio, devoção, catolicismo.

ABSTRACT

The work proposes an investigation about the devotion to Saint Antônio, who arrived in the region that had become the city of Juiz de Fora. The devotion to Saint Antônio expanded in the locality through the action of a Portuguese resident of the village named Antônio Vidal. In 1741 Antonio Vidal asked permission to build a chapel on his farm dedicated to Saint. Antônio. In his argument he expressed concern that "most of the time he and his family were not hearing mass, because of distance and bad roads in the region" The closest church he would attended was in Simão Pereira.

Key-words: Saint Antônio, devotion, Catholicism.

SUMÁRIO

Introdução	P.7
Capítulo I:	
A devoção em torno do Santo Antônio na América Portuguesa	
1.1 Um Brasil Português: um catolicismo tradicional.....	12
1.2 História e Devoção a Santo Antônio.....	14
Capítulo 2:	
Devoções Católicas em Juiz de Fora	
2.1 Vila de Santo Antônio – Devoção a Santo Antônio.....	17
2.2 A formação da comunidade local: imigrantes e nativos na região do Parahybuna.....	19
2.3 Consolidação da Devoção a Santo Antônio na região de Juiz de Fora.....	26
2.4 A fé na imagem de Santo Antônio e a Iconografia.....	32
Capítulo 3:	
Jornal O Pharol	
3.1 A Festa através do Jornal: Organizando os festejos em homenagem a Santo Antônio.....	34
Conclusão	39
Fontes	42

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objetivo propor uma investigação em torno da devoção a Santo Antônio que chegou à região que deu origem à cidade de Juiz de Fora. A devoção a Santo Antônio expandiu-se na localidade através da ação de um morador da vila chamado Antônio Vidal, que era português.

Nossa pesquisa tem início no ano de 1741, por ser o primeiro documento oficial, no qual o fazendeiro Antônio Vidal solicita permissão para a construção da primeira capela dedicada a Santo Antônio. A data final foi o ano de 1850, ano em que a capela dedicada a Santo Antônio teve sua condição elevada à categoria de Paróquia.

O presente trabalho se justifica inicialmente por ter sido a devoção ao Santo Antônio a primeira a ser cultuada na região. O culto a Santo Antônio em Juiz de Fora, além de um fenômeno religioso do catolicismo, também possibilitou a institucionalização de uma capela, indo muito além das práticas simbólicas do catolicismo tradicional. Dessa forma contribuiu para a consolidação da Igreja na região e para a fundação da cidade, onde o povoado aos poucos foi crescendo. Com o Decreto da Lei de 02 de maio de 1856 acabou por elevar à categoria de cidade a vila de Santo Antônio do Parahybuna com a denominação de Cidade do Parahybuna.

O arraial de Santo Antônio do Paraibuna, além de adquirir o nome da primeira devoção que desenvolveu na cidade, também obteve sua formação mediante as manifestações da religiosidade dos fiéis, que sentiram a necessidade de construção de uma capela dedicada a Santo Antônio. A ereção da capela possibilitou a união de pessoas, pois era na religião que elas encontravam um apoio para as incertezas diante da vida. As pessoas amparavam-se no simbolismo representado na figura de Santo Antônio, promovendo cultos e atividades religiosas que conferiam uma identidade católica ao grupo, tendo por base a devoção portuguesa. Portanto, ao longo do estabelecimento da cidade a religiosidade e a devoção a Santo Antônio permaneceram presentes.

Essa devoção teve crescimento popular surpreendente em Juiz de Fora; o culto desde o início foi tão forte a Santo Antônio que adquiriu destaque tornando-se padroeiro da cidade, da Arquidiocese, da Catedral Metropolitana, da Paróquia de Santo Antônio do Paraibuna, do Seminário Arquidiocesano, sem contar que virou nome de rua e de bairro. Sua festividade é comemorada no dia 13 de junho, feriado municipal.

Contudo, pretendemos mostrar a história de devoção a Santo Antônio e as práticas religiosas que até hoje marcam uma história de fé, a qual tornou-se tradição de um povo que

foi sendo transferida pelas gerações. Essa forma de devoção insere-se especificamente no catolicismo tradicional, que é uma religiosidade marcada pela proximidade entre os homens e os santos, e nessa religião está presente uma série de práticas e expressões.

O presente estudo propõe duas linhas de pesquisa em função da utilização de fontes diferentes. Inicialmente o primeiro passo para esse trabalho foi fazer um levantamento e uma análise acerca da produção bibliográfica sobre religiosidade e devoção aos santos, com ênfase ao Santo Antônio. Com base nos estudos existentes sobre o tema em Juiz de Fora - tais como livros, teses, trabalhos monográficos, meios eletrônicos e sites-, buscamos uma melhor compreensão do tema proposto.

O segundo passo foi pesquisar o desenvolvimento da devoção de Santo Antônio na região recorrendo a dois tipos de fontes primárias. A primeira são cartas nas quais Antonio Vidal solicitou a construção em suas terras de uma capela dedicada a Santo Antônio. Estas cartas encontram-se no Arquivo Histórico Arquidiocesano de Juiz de Fora.

O segundo tipo de fonte primária utilizada na realização deste trabalho diz respeito ao periódico “O Pharol”, que foi publicado em Juiz de Fora entre os séculos XIX e XX, com a finalidade de averiguar as práticas religiosas e as festividades no dia que é atribuído ao Santo Antônio. Este jornal encontra-se disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Procurei analisar neste jornal, que circulou na cidade de Juiz de Fora no período de 1870 a 1884, a abordagem que faziam da festa de Santo Antônio e o envolvimento dos grupos católicos na promoção da festa. O jornal anunciava a festividade em homenagem a Santo Antônio, convidava a comunidade a participar, além de detalhar a programação de cada acontecimento da festa, como horários das missas, procissões, fogos de artifício e trezenas.

Por fim, diante da necessidade de entendermos as relações do Homem diante de suas práticas religiosas foi fundamental apoiarmos em alguns conceitos importantes.

Para o conceito do sagrado recorreremos ao trabalho de Roger Caillois, com o seu livro “O Homem e o Sagrado”, e o de Mircea Eliade “O Mito do Eterno Retorno”, que nos ajudaram a entender as relações do homem com o sagrado. O sagrado é essencial no fenômeno religioso, sendo definido pela oposição ao profano, como nos mostra Eliade¹. O ser humano é capaz de chegar ao sagrado por se distanciar do profano. “É do sagrado que o crente espera todo o socorro e o êxito². Essa relação do homem com o sagrado torna-se um sentimento acompanhado de emoções, de fascínio e também de temor³. O sagrado encontra-se

¹ ELIADE, Mircea. **O Mito do Eterno Retorno**, Lisboa, Edições 70, 1993.

² CAILLOIS, Roger. **O Homem e o Sagrado**. Lisboa, Edições 70, 1988, p. 22.

³ ELIADE, Mircea. **O Mito do Eterno Retorno**. Op.cit.

presente em várias manifestações religiosas, como na devoção aos santos, no seu culto, nas procissões e na garantia do milagre. Do sagrado fazem parte alguns instrumentos do culto; os espaços como a igreja e o templo; ou ainda o tempo que se diferencia do tempo profano como o natal, o dia de páscoa o domingo. O sagrado pode igualmente se revelar em algum objeto, que constitui o receptáculo de algo superior:

Entre muitas outras pedras, uma torna-se sagrada – e, por conseqüência, fica imediatamente impregnada de *ser* -, porque constitui uma hierofania, ou porque possui um maná, ou porque a sua forma reflecte um certo simbolismo, ou ainda porque comemora um acto mítico, etc. O objecto surge como um receptáculo de uma força exterior que o diferencia do seu meio e lhe confere significado e valor.⁴

Outro conceito importante utilizado nesse trabalho é o de simbolismo a fim de pensarmos as relações dos homens com os símbolos religiosos. Apoiaremos em autores como Pierre Sanchis com o livro “Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural”⁵ e Gerd Heinz-Mohr com o livro “Dicionário dos Símbolos, imagens e sinais da arte cristã”⁶, que abordam os símbolos sagrados no contexto religioso. O simbolismo está presente na religião, nas festas, no culto, em gestos como dar esmolas aos santos, fazer as orações, oferecer um dom que pode ser um objeto entre outras coisas que podem ser transmitidas. O homem se ampara nos símbolos criando uma relação entre o homem e o sagrado. “Os gestos religiosos são carregados de significados simbólicos. Fazer o sinal da cruz diante de uma igreja, enfeitar os santos, investir na arte religiosa era uma forma de respeito frente ao sagrado.”⁷

Para utilizarmos o conceito do mito recorreremos ao autor Mircea Eliade, já aqui citado. Ele nos ajuda a compreender que todas as religiões são carregadas de mitos, sendo capaz de enriquecer ao longo do tempo as práticas religiosas. O mito ainda encontra-se vivo justificando o comportamento e atividade do homem. “O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’ ”⁸. Em linhas gerais o mito é capaz de nos mostrar o que ocorreu e as manifestações humanas significativas.

⁴ ELIADE, Mircea. **O Mito do Eterno Retorno**. ed. Gallimard, 1969, p. 18

⁵ SANCHIS Pierre (Org.). **Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.

⁶ Heinz-Mohr, Gerd. **Dicionário dos Símbolos, imagens e sinais da arte cristã**. São Paulo: Paulus, 1994.

⁷ BORGES, Célia Maia. **Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais (séculos XVIII e XIX)**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p. 136, 137.

⁸ ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo. Perspectiva, 1994, p.11.

O trabalho encontra-se estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta como essa devoção chegou à região. Para isso busquei abordar o modelo de catolicismo trazido pelos portugueses. Implantado no Brasil, o catolicismo tradicional pode ser considerado a herança portuguesa que mais deixou marcas na construção da cultura brasileira. O catolicismo no Brasil colonial foi marcado pelo culto e homenagem aos santos e divindades. Através da análise das práticas desse catolicismo pretendemos entender de que forma os grupos locais vivenciavam essa experiência religiosa. Esta análise do culto ao santo que se tornou padroeiro da cidade de Juiz de Fora servirá de base para entendermos esse catolicismo, e conhecer como eram vivenciadas essas práticas entre os devotos. A análise da devoção em torno do Santo Antônio nos permite entender o quanto o santo tornou-se o mais popular dos santos portugueses sendo muito invocado em diversas situações pela população colonial. No Brasil e em Portugal, Santo Antônio tornou-se um dos santos mais populares sendo chamado de “Santo Antônio de Pádua, ou “Santo Antônio de Lisboa”. Buscou-se ainda enfatizar as narrativas hagiográficas de sua vida, descrevendo os feitos “edificantes” de sua trajetória de vida e os milagres a ele atribuídos, que constituíram motivos de culto e propagação de sua devoção.

O segundo capítulo tem por objetivo mostrar como a devoção a Santo Antônio chegou a Juiz de Fora, trazida pelos portugueses e sendo a primeira devoção a ser cultuada na região. A devoção expandiu-se na localidade através da ação de um morador da vila chamado Antônio Vidal, um fazendeiro de origem portuguesa, que vivia na região com sua família, e que era cristão. Em 1741 Antônio Vidal escreveu uma carta onde solicitou licença para a construção de uma capela em sua fazenda dedicada a Santo Antônio. Enfocaremos a religiosidade e o envolvimento dos fiéis com essa devoção. Dessa forma o capítulo aborda como os atos religiosos serviram de elemento aglutinador entre várias pessoas, tornando-se marca identitária e de solidariedade aos imigrantes que estavam na região e que buscavam a proteção do sagrado e essa devoção santoral. Destacamos também que a religião tornou-se um elo entre vários tipos de pessoas como senhores e escravos, brancos e negros entre outras camadas tão distintas de pessoas. Buscou-se conhecer a fé na imagem de Santo Antônio, pois o fazendeiro Antonio Vidal, enquanto aguardava a ereção da capela, já possuía uma imagem de Santo Antônio de Pádua que pertenceria a ela, mas que futuramente seria transferida para o templo definitivo. Com base nessa imagem foi feita uma análise iconográfica da imagem de Santo Antônio que atualmente encontra-se na Catedral Metropolitana de Juiz de Fora. No catolicismo até os dias atuais os santos são representados através de imagens escultóricas, de pinturas, entre outras formas. As imagens produzem sentidos e constroem relações com os

devotos, pois atualizam e relembram os milagres dos santos, seu poder de intercessão é fonte de apoio para os fieis, que mantêm em suas casas esculturas e representações com as imagens de divindades e santos prediletos.

O terceiro capítulo teve como proposta trabalhar com o jornal “O Pharol”, que circulou na cidade de Juiz de Fora no período de 1870 a 1939. Nele analisaremos como era abordada a questão da festa de Santo Antônio e a sua devoção.

Dessa forma acreditamos que o trabalho tenha relevância, em termo de importância e de atualidade, pois o culto ao santo e as práticas devocionais a Santo Antônio permanecem presentes até os dias atuais na cidade, reunindo uma parcela da sociedade, e estão intimamente ligados à construção da vida social e religiosa do lugar.

Capítulo I: A devoção em torno do Santo Antônio na América Portuguesa

1.1 - Um Brasil Português: um catolicismo tradicional

A Igreja Católica entrou em terras brasileiras no século XVI. Os colonizadores trouxeram em suas bagagens suas crenças, seus mitos, a prática da adoração das imagens de divindades e santos que cultuavam em seus territórios, juntamente com toda a sua cultura.

Os portugueses, além da conquista do território, também tinham como missão converter os habitantes dessas novas terras ao cristianismo. Estabelecida como religião oficial desde o seu início, o catolicismo integrou o projeto colonial português⁹.

Sabemos que a implantação do catolicismo no Brasil foi obra não só dos missionários, mas obra dos imigrantes portugueses realizada no dia-a-dia da colonização, implantada na colônia através de suas práticas religiosas. Um catolicismo extremamente piedoso, com muita devoção aos santos, festas, novenas, trezenas, romarias e rezas¹⁰. Como resultado deste catolicismo tradicional, se multiplicaram na América portuguesa as ermidas, santuários e capelas como locais de culto e de reza.

Diante disso percebemos a existência marcante de um catolicismo tradicional que foi trazido pelos portugueses. O catolicismo tradicional torna-se relativamente independente daquilo que é oficialmente proposto pela Igreja. Uma dessas diferenças está na forma do católico vivenciar a sua religiosidade, assumindo práticas com uma forte proximidade aos santos, um catolicismo com muita reza, muita devoção, promessas e muitas capelas¹¹.

Assim a diferença do catolicismo tradicional e o oficial se mostra no papel da autoridade eclesiástica, em relação à proximidade e o exercício do seu poder. Pois nos primeiros anos de colonização foi, sobretudo o catolicismo tradicional que esteve presente, voltado para as manifestações populares onde se faziam novenas, procissões, romarias sem haver a necessidade da presença de um padre. Os leigos desempenharam o papel de liderança nesse catolicismo, assumindo a condução das rezas, promovendo festas religiosas e investindo na construção de ermidas para os santos protetores.

⁹ AZZI, Riolando. "As Romarias no Brasil". In: **Religiosidade Popular na América Latina**. Revista Vozes, Ano 73, vol. LXXIII, maio de 1979, n. 4, p. 279

¹⁰ AZZI, Riolando. **Elementos para a história do Cristianismo popular**. In: Revista eclesiástica brasileira. Vol.36. Petrópolis: Vozes, 1976. P. 95.

¹¹ A esse respeito ver os trabalhos de Riolando Azzi citados nesse trabalho

Os devotos edificavam capelas para receber e guardar a imagem do santo, local que se tornava importante para o encontro dos colonos para suas práticas religiosas. Essa maneira de religiosidade tornou-se uma das formas mais tradicionais do catolicismo, podendo se considerar a herança portuguesa que mais deixou marcas na construção da cultura brasileira. O catolicismo no Brasil colonial foi marcado pelo culto e homenagem à divindade e aos santos seguindo assim a tradição lusitana. Os santos são mais próximos dos homens na religião tradicional, tornando por isso mais funcional que a religião oficial, respondendo aos anseios dos dia-a-dia, fortificando os indivíduos na doença, servindo de amparo às incertezas da vida.

Nesse sentido compreendemos que antes do estabelecimento das primeiras freguesias ou paróquias, os primeiros portugueses já haviam trazido as suas devoções. As imagens dos santos protetores passaram a ser cultuadas em pequenos nichos ou oratórios, colocados dentro das casas ou nas ruas dos povoados. Em algumas fazendas construía-se capelas para cultuar os santos. Nas casas as famílias rezavam diante das imagens sagradas dispostas em oratórios e nichos.

As residências eram o lugar central para se praticar a religiosidade pessoal da população. Inclusive, nas propriedades rurais, próximas à moradia principal era comum a construção de uma capela ou ermida, onde um sacerdote, esporadicamente, prestava assistência religiosa, o que só fez aumentar o problema de atendimento espiritual da população em geral, uma vez que o número de clérigos era bem reduzido.¹²

As rezas se davam através dos terços, das novenas, ou das preces que é uma forma de pedido em caso das necessidades e das dificuldades da vida. Poucos podiam contar com a presença do sacerdote na assistência religiosa.

Cada família tinha os seus santos protetores, cultuados através de imagens colocadas, em geral, num pequeno nicho pendurado na parede da sala de visitas, designado como oratório. Nos lares mais abastados, reserva-se até um quarto para essa devoção: o quarto do oratório. E nas fazendas e engenhos, fazia-se uma capela para prestar o culto a esses santos da família. Em muitas famílias, rezava-se diariamente o terço diante dessas imagens sagradas, faziam-se também novenas e preces especiais em casos de necessidade.¹³

¹² ALMEIDA, Niero Lidiane. **Santos e Devoções nas Minas Setecentistas**: Feições da religiosidade católica na comarca do Rio das Mortes (1730-1800). 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2014. p. 53, 54.

¹³ AZZI, Rioldo. **Sob o Báculo Episcopal: A Igreja Católica em Juiz de Fora, 1850 – 1950**. Juiz de Fora: Centro da Memória da Igreja de Juiz de Fora, 2000. p. 24.

Melhoradas as condições econômicas das pessoas, esses santos passavam a ter sua própria ermida ou capela. Assim que a colonização se expandiu, as capelas passaram a ser o ponto de referência para a formação dos núcleos populacionais.

Entretanto, nesse catolicismo devocional que se cultuam os santos e as divindades também se destacavam o culto aos mortos e às almas. Para os que estão no Além, o mês de novembro se destacava quando os vivos promoviam ofícios e orações às almas do purgatório e as relíquias. Essas práticas, que eram muito antigas, vieram com os portugueses e se fizeram presentes em terras brasileiras. O autor Gilberto Freyre mostra que entre os colonos portugueses havia o costume de enterrar os mortos nas capelas, próximas às suas casas.

O costume de se enterrarem os mortos dentro de casa – na capela, que era uma puxada da casa – é bem característico do espírito de coesão de família. Os mortos continuavam sob o mesmo teto que os vivos. Entre os santos e as flores devotas. Santos e mortos eram afinal parte da família.¹⁴

Estas práticas chegaram com os colonos portugueses que instalaram na região de Paraybuna, localidade que circunda a atual cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Os cultos vieram com os antigos imigrantes e Santo Antônio assumiu o seu lugar como um grande protetor. Presentes na religiosidade brasileira a crença no poder dos santos, as festas religiosas a eles consagradas e as promessas destacam-se nesse catolicismo. Na promoção dos atos devocionais ao santo, os leigos desempenharam um papel fundamental.

1.2 - História e Devoção a Santo Antônio

Nascido em 15 de agosto de 1195, na cidade de Lisboa, em uma casa perto da Catedral, Santo Antônio recebeu no batismo o nome de Fernando de Bulhões. Segundo a versão hagiográfica, era filho de Martinho ou Martins Bulhões e Teresa Taveira, nascido em uma família fidalga, nobre, rica, tradicional e católica, apesar de não haver muitos relatos da sua infância. Com 15 anos, no ano de 1210 ingressou na Ordem dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho; para concluir seus estudos, no ano de 1212, foi para Lisboa, para o mosteiro de Santa Cruz. Ali ordenou-se sacerdote entre os agostinianos.¹⁵

¹⁴ FREYRE, G. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966. p. 38.

¹⁵ CONTI, Servílio. **O Santo do Dia** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 315.

No ano de 1220, atraído pela vida mendicância dos frades franciscanos, ingressou na Ordem de São Francisco, no convento de Santo Antônio dos Olivais. Seus últimos dias foram na cidade de Pádua na Itália. Ele adoeceu de febre o que poderia ter sido acometido por hidropisia, uma doença que quase não permitia que ele respirasse. Ele faleceu no dia 13 de junho de 1231, com 36 anos, quando sofreu fortes crises, no convento de Aracela. Seu enterro ocorreu na terça-feira seguinte, dia da semana que passou a ser dedicado ao santo. Foi canonizado no ano seguinte pelo papa Gregório IX, tonando-se Santo Antônio de Lisboa também chamado Santo Antônio de Pádua.

Suas características junto com as referências de seus milagres foram sendo adquiridas ao longo da sua trajetória de vida.

O Santo Antônio, sendo português de nascimento, tornou-se o mais popular dos santos portugueses e sempre foi muito invocado em diversas situações pela população colonial. No Brasil e em Portugal, Santo Antônio tornou-se um dos santos mais populares sendo invocado como “Santo Antônio de Pádua”, ou “Santo Antônio de Lisboa”. As narrativas da personalidade do santo surgiram a partir das especificidades que os fiéis lhe atribuíam, quer pelos milagres a ele atribuídos ou pelo seu papel de mediador, pelo seu testemunho de vida, ou ainda por seus exemplos e ensinamentos dados em vida. De modo geral sua popularidade e a propagação de seu culto nos países latinos, principalmente em Portugal e no Brasil, foram intensas e sua imagem foi espalhada em todo o território. “Impossível conceber-se um cristianismo português ou luso-brasileiro sem essa intimidade entre o devoto e o santo. Com Santo Antônio chega a haver sem-cerimônias obscenas.”¹⁶. Assim Santo Antônio tornou-se o campeão das devoções populares, prestígio que pode ser conferido pela atribuição de seu nome aos lugares e capelas:

Só em Minas, até o século XIX, foram 118 localidades dedicadas ao santo de Lisboa, seguido de São Sebastião, com 88, e Santana, bem abaixo, com 27 citações. No período colonial, entre 1585 e 1650, dos 15 conventos fundados no Brasil pelos franciscanos, oito foram dedicados a Santo Antônio, dos quais quatro no Nordeste. Quanto a capelas de engenho em Pernambuco, Santo Antônio patrocinou nove oragos, empatando com Nossa Senhora do Rosário, seguido de perto por São João. Seu prestígio em Pernambuco era particularmente grande, mas não foi pequeno em várias outras capitanias.¹⁷

¹⁶ FREYRE, G. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966. p. 303

¹⁷ VAINFAS, Ronaldo. **Santo Antonio na América portuguesa: religiosidade e política**. REVISTA USP, São Paulo, n.57, p. 28-37, março/maio 2003. p. 31

A devoção dedicada a Santo Antônio deve-se igualmente ao poder que lhe é conferido de localizar coisas perdidas, e principalmente por atuar como santo casamenteiro, capaz de intervir para encontrar maridos e como protetor dos casais de namorados.

Os grandes santos nacionais tornaram-se aqueles a quem a imaginação do povo achou de atribuir milagrosa intervenção em aproximar os sexos, em fecundar as mulheres, em proteger a maternidade: Santo Antonio, São João, (...) e Nossa Senhora do Bom Parto.¹⁸

Sua festa é comemorada em junho, período de antigas comemorações agrárias da fertilidade, e por isso talvez a associação à sua fama de santo casamenteiro. Era comum as moças solteiras pedirem a sua intermediação. Caso o pedido não fosse atendido, colocava-se a imagem de cabeça pra baixo como forma de castigo, ou retirava-se o Menino Jesus dos braços de Santo Antônio, o qual seria devolvido somente depois da graça alcançada. Outro poder atribuído a Santo Antônio é o de *protetor dos pobres*, que decorreria da opção feita por ele mesmo em sua vida, ao fazer o voto de pobreza franciscana.

De fato, com o decorrer do tempo, Santo Antônio foi alvo de devoção surpreendente. O folclore brasileiro e italiano é rico em alusões a seus poderes milagrosos, em questão de casamento, de encontro de coisas perdidas, etc. Mais importante que tudo isso é a caridade para com os necessitados, feita em honra de Santo Antônio, através da instituição conhecida como “Pão de Santo Antônio”, gesto que este perpetua o espírito de caridade para com os pobres, tão generosamente vivido pelo nosso santo.¹⁹

De acordo com Ronaldo Vainfas, a popularidade de Santo Antônio o possibilitou estar também presente em outros cultos e ritos. No século XVI na Bahia Santo Antônio esteve associado a indígenas de Jaguaripe, ao sul do Recôncavo Baiano, onde o líder obteve o nome de batismo de Antônio. Santo Antônio também esteve presente em cultos afro-brasileiros.

Capítulo Dois

2.1 - Vila de Santo Antônio – Devoção a Santo Antônio

¹⁸ FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 246.

A devoção a Santo Antônio chegou a Juiz de Fora com os portugueses, inicialmente sendo a primeira devoção a ser cultuada na região.

Na cidade de Juiz de Fora a devoção a Santo Antônio teve crescimento popular surpreendente; as práticas religiosas até hoje marcam uma história de fé onde desde o início seguiu tão forte que Santo Antônio passou a ser o santo de destaque, tornando-se padroeiro da cidade de Juiz de Fora, da Arquidiocese, da Catedral Metropolitana, da Paróquia de Santo Antônio do Paraibuna, do Seminário Arquidiocesano, além de se tornar nome de rua e de bairro. A Igreja de Juiz de Fora comemora os festejos dedicados ao padroeiro no dia 13 de junho, dia em que os devotos reavivam a sua fé, fazendo promessas e pedindo intercessão a do santo, e aguardam o alcance da graça. Acrescente-se que neste dia dedicado ao santo padroeiro é feriado municipal. Até os dias atuais, na Catedral Metropolitana de Juiz de Fora, às terças-feiras, mantém-se a tradição da distribuição de pães ao final das missas: o pão de Santo Antônio.

A devoção ao santo motivou que alguns fiéis se reunissem numa irmandade dedicada a promover o culto a Santo Antônio. A posse dos mesários, responsáveis pela administração da fraternidade, estava marcada para o mesmo dia da festividade, conforme consta em seu compromisso de 1876:

Compromisso 1876

Os Mezarios de S. Antonio da Cidade do Juiz de Fora

Escri^m _____ Almeida

Anno do Nascimento de Nosso Senhor.

(...) “Artigo vinte trez. Esta Eleição será feita na ultima Dominga d’ Abril e com antecipação comunicada por meio do Officios dos novos eleitos para sua intelligência, e comparecimento no dia da posse, que terá lugar aos treze de Junho, dia em que a Egreja faz solenm. Comemoração do Glorioso Padre Santo Antonio: e quando nesse dia não se faça o festejo do Santo, terá lugar a posse no dia marcado para a festa do mesmo Santo, que deverá ser o Domingo próximo depois do dia treze. A posse será na tarde do dia de festa antes do *Te – Deum*, e comparecerão para tornál-a o Juiz, a Juiza ou os Membros da Meza administra e leva e as Consultoras honorarias prestando todos estes funcionarios sobre o livro dos Santos Evangelhos, que estará nas mãos do reverendo Parocho, ou Capellão, juramento de bem cumprirem os seus deveres (...)”²⁰

¹⁹ CONTI, Servílio. **O Santo do Dia** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 316.

²⁰ Arquivo Histórico Arquidiocesano de Juiz de Fora. Paróquia de Santo Antônio / Juiz de Fora – MG. Fundo Centro da Memória. Estatuto da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de Santo Antônio de Juiz de Fora, ano 1876. Documento 56.5

Com base nos estudos percebemos que a irmandade era composta por indivíduos que se uniam com alguns elementos em comum que é a religião, devoção ao mesmo orago, além da preocupação com os rituais fúnebres. O grupo comungava de afinidades que os unia, que era a religiosidade, ao mesmo tempo que os diferenciava de outros grupos. Além da fé existe uma característica comum a todas as pessoas da irmandade que é o santo de devoção, assim essas pessoas se uniam e cada vez mais, fortaleciam os seus laços sociais. “Em síntese, as irmandades funcionaram como agentes de solidariedade grupal, congregando, simultaneamente, anseios comuns frente à religião e perplexidades frente à realidade social.”²¹

A devoção a Santo Antônio na cidade possibilitou a institucionalização de uma capela, indo muito além das práticas simbólicas de um catolicismo tradicional. Dessa forma contribuiu para a formação de uma Igreja consolidada, promovendo cultos e práticas litúrgicas que não se restringem ao fenômeno, mas à própria fundação da cidade. Pois a elevação de uma capela contribui para a formalidade civil. Assim podemos ver o quanto é forte a ligação entre a formação de um povoamento e a religiosidade. Essa devoção ao Santo Antônio na cidade, além de um fenômeno religioso, tornou-se um fenômeno cultural. Pois a primeira capela possibilitou unir um número de pessoas que se organizavam ao redor das práticas religiosas e dos rituais criando através da devoção ao santo uma identidade coletiva.

É importante frisar que é no nível coletivo ou social que a identidade se edifica e se realiza. Já a sua expressão étnica, os mecanismos de identificação são fundamentais, porque eles refletem a identidade em processo assumido por indivíduos ou grupos em diferentes situações concretas. Em todos os âmbitos a identidade possui um conteúdo marcadamente reflexivo e/ou comunicativo que supõe um código (signos) de categorias a fim de orientar e desenvolver as relações sociais como um sistema de oposições ou contrastes. A identidade étnica é um meio de diferenciação em relação a algum indivíduo ou grupo que se confrontam e se afirmam negando ou aceitando a outra identidade visualizada.²²

Assim podemos perceber que a religião além da questão da fé pode ser vista como uma construção cultural. Clifford Geertz nos ajuda a entender esse fenômeno, pois a religião pode fornecer orientações que possibilitam conformar as pessoas ao mundo, dando orientações e sentido, funcionando como uma matriz cultural, propiciando a concretização no processo da criação da identidade de um grupo. Geertz, citando Max Weber, afirma que “o

²¹ BOSCHI, Caio César. **Os Leigos e o poder**. Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986. p. 14.

²² OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. “**Identidade Étnica, Identificação e Manipulação**”. In: *Identidade, Etnia e Estrutura Social*, 1976. < <https://dialogosantropologicos.blogspot.com/2010/09/identidade-etnica-identificacao-e.html> > acesso em 05 de outubro de 2019.

homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu (...) e a cultura consiste em estruturas de significado socialmente estabelecidas”²³. O homem religioso executa seus ritos, seus cultos e fortalece as suas crenças, ajustando e buscando sentido que fundamentam a sua realidade, fortalecida num emaranhado de relações.

A construção social é estabelecida através da organização de um determinado grupo que firma uma identidade diante de outros grupos com quem se relacionam²⁴. Assim um grupo cria peculiaridades que vão sendo construídas pela interação dos indivíduos, e que passam a expressar uma identificação própria, contrastando com outros grupos. Dessa forma a identidade é criada dentro de um grupo a partir daqueles traços mais relevantes, que propiciam àqueles integrantes afirmarem uma identidade coletiva.²⁵ Os devotos passaram a identificar como grupo logo que fossem estabelecendo essas relações sociais pela mesma convivência e pelo mesmo espaço.

Nossa hipótese é que com o passar do tempo essa identidade foi se formando.

(...)

É provável que a base da identidade entre aquelas pessoas residisse na vivência do catolicismo e, mais especificamente, na devoção a Santo Antônio. A religião aparece como um elemento comum unindo pessoas que, em um primeiro momento, poderiam parecer muito diferentes umas das outras.²⁶

2.2 - A formação da comunidade local: imigrantes e nativos na região do Parahybuna

A região de que deu lugar à cidade de Juiz de Fora foi ocupada inicialmente por fazendeiros e escravos e mais tarde, a partir de 1850, por levas de imigrantes alemães, italianos, além dos portugueses.

Os primeiros imigrantes chegaram a Juiz de Fora poucos anos depois da emancipação da cidade em 1850. Eram centenas de trabalhadores alemães que chegavam para participar da construção da Estrada União & Indústria. Mais tarde, chegaram outros imigrantes, com destaque para italianos e portugueses, que integraram, inicialmente, um movimento voluntário, e,

²³ GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978. p. 15-23.

²⁴ OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Idem*.

²⁵ VERAS, Marcos Flávio Portela; DE BRITO, Vanderli Guimarães. Artigo 4: **Identidade étnica: A dimensão política de um processo de reconhecimento**. Ano 4 – Volume 5- Maio de 2012. p. 110, 111.

²⁶ CHRISPIM, Karol Gruchenhka Lupatini. **Irmandade de Santo Antônio dos pobres de Simão Pereira (1867-1875): vivenciando conflitos e solidariedades**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2012. p. 58, 66.

depois, a grande leva que viria subsidiada por iniciativas imigrantistas. A presença desses imigrantes na cidade mineira deixaria marcas na arquitetura, na cultura, no trabalho e na economia, importantes elementos constituintes da história de Juiz de Fora e fundadores de vários trabalhos acadêmicos.²⁷

Na região de Juiz de Fora, como em outros lugares, a promoção de práticas religiosas constituiu uma base de apoio entre os imigrantes que buscavam a proteção do sagrado. Essas atividades religiosas possibilitaram criar laços de solidariedade entre muitos dos colonos que estavam na região, que se reuniam para a promoção de atos devocionais: rezas, romarias, procissões, cuidado com as imagens e templos.

A religiosidade exacerbada desse povo expressava-se, por conseguinte, nos gestos e práticas cotidianas: sinal da cruz, rezas aos padroeiros nas capelas instaladas dentro e fora das casas, nas cruzes em cima dos morros, nos caminhos, etc.²⁸

Dessa forma as relações afetivas eram construídas em meio aos encontros nos lugares de cultos e festas religiosas.

Os imigrantes alemães vieram contratados pelo engenheiro Mariano Procópio Ferreira Lage para trabalhar na Companhia União & Indústria, pois o trabalho desses imigrantes atenderia a construção da rodovia.

O governo do Império, a partir de 1850, passou a incentivar a vinda de imigrantes para o Brasil. Seus principais objetivos eram o povoamento de regiões ainda vazias, a valorização das terras que seriam ocupadas pelos imigrantes e a produção de alimentos que pudessem abastecer as lavouras de café.

Em Juiz de Fora, esta política teve reflexos através das iniciativas de Mariano Procópio Ferreira Lage. Este conseguiria empréstimos para a introdução de colonos alemães, em Juiz de Fora. Seu objetivo inicial era conseguir mão-de-obra especializada para a construção da Estrada União e Indústria. Contratou em 1853, vários técnicos, engenheiros, arquitetos e, três anos depois, contratou mais 20 artífices, como: ferreiros, pintores, latoeiros...²⁹

²⁷ GASPARETTO JÚNIOR, Antonio. **Direitos Sociais em Perspectiva: Seguridade, sociabilidade e identidade nas mutuais de imigrantes em Juiz de Fora (1872-1930)** / Antonio Gasparetto Júnior. 2013. p. 21.

²⁸ BORGES, Célia Maia. **Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais (séculos XVIII e XIX)**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p. 136, 137.

²⁹ OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional da UFJF / Editora da UFJF, 1994. p. 32.

Quando teve fim as obras da rodovia, a maior parte dos colonos já estava fixado em Juiz de Fora e aos poucos foram se incorporando às atividades urbanas, como marceneiros, sapateiros, carroceiros, pedreiros, operários, etc.

A quantidade de italianos era grande na região e estes vivenciaram grandes dificuldades ao chegarem à cidade. Doenças, fome e precárias condições de trabalho encontraram esses imigrantes como mostram alguns relatos sobre a Hospedaria Horta Barbosa, criada em 1888, para abrigar os imigrantes recém-chegados³⁰. Apesar dos inúmeros conflitos vivenciados, os italianos em Juiz de Fora acabaram por obter grande destaque na cultura e nas atividades econômicas, possibilitando o aumento dos empreendimentos da cidade.³¹

Marcando presença na sociedade e no mercado de trabalho de Juiz de Fora estiveram igualmente os portugueses, constituindo o grupo majoritário. Todos esses grupos sofreram igualmente com preconceitos e dificuldades de inserção na sociedade local:

Como grupo majoritário em Juiz de Fora, foram os imigrantes portugueses que sofreram maior preconceito. Todos os grupos étnicos ou nacionais residentes na cidade mineira conviviam com uma sociedade excludente, que se manifestava através do preconceito e da rejeição aos imigrantes. Mas os portugueses falavam a mesma língua e tinham ligações históricas com o Brasil de longa data, gerando uma imagem diferente dos grupos que constituíam colônias em separado. Eram majoritários no mercado de trabalho e disputavam cada posto intensamente com trabalhadores nacionais e outros estrangeiros, o que aumentava a hostilidade sobre o grupo.³²

Contudo todos esses imigrantes, apesar das dificuldades em um novo meio social, tiveram que se adaptar ao novo espaço e estabelecer trocas culturais com grupos locais.

Alemães, italianos e portugueses constituíram o maior contingente de estrangeiros que ali se estabeleceram. Em fins do século XIX, chegaram os sírios e libaneses, expulsos da terra natal por razões econômicas, desavenças políticas e também por diferenças religiosas. A cidade crescia e dinamizava-se com a presença de pessoas de tão diversas origens e tradições, convivendo lado a lado com os brasileiros.
(...)

³⁰ CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. “Trabalho, enriquecimento e exclusão: italianos em Juiz de Fora (1870-1940)”. In: BORGES, Célia Maia (Org.). **Solidariedades e Conflitos**. Histórias de Vida e Trajetórias de Grupos em Juiz de Fora. Juiz de Fora, Editora da UFJF, 2000, pp.130-131.

³¹ GASPARETTO JÚNIOR, Antonio. **Direitos Sociais em Perspectiva: Seguridade, sociabilidade e identidade nas mutuais de imigrantes em Juiz de Fora (1872-1930)** / Antonio Gasparetto Júnior. 2013. p. 59.

³² GASPARETTO JÚNIOR, Antonio. **Direitos Sociais em Perspectiva: Seguridade, sociabilidade e identidade nas mutuais de imigrantes em Juiz de Fora (1872-1930)** / Antonio Gasparetto Júnior. 2013. p. 61.

Frente às várias adversidades, as pessoas se auxiliavam criando associações civis e religiosas, que congregavam indivíduos, em, sua maioria, da mesma origem, bem como seus descendentes.³³

Nesse novo contexto também as redes de solidariedades se formavam, “(...) a trajetória desses grupos passou por um longo processo de maturação. Ao redefinirem seu lugar na sociedade, reconstruíram suas identidades de acordo com a nova situação, sem jamais se alhearem da sua herança matricial.(...)”³⁴. Os imigrantes formavam novas amizades e juntos se apoiavam buscando apoio espiritual, aos poucos iam constituindo um grupo e formando uma identidade que ia sendo recriada a partir dessas relações sociais. “A cidade se formou tendo como base uma diversidade social e cultural”³⁵.

Cada qual, na convivência com o outro, ia compondo novas experiências, compartilhando suas memórias, ao mesmo tempo em que tecia novas identidades. O envolvimento em um mesmo projeto possibilitava compartilhar e trocar experiências, tecer novas solidariedades, evocar lembranças do passado, o que, aos poucos, acabava por ajudar a reconstruir suas identidades, com base na construção de novas memórias coletivas.³⁶

Igualmente em meio a esses imigrantes, estavam os cativos, alojados nas lavouras de café e em atividades no núcleo urbano, integrando assim a base da hierarquia social.

A grande concentração de cativos em Juiz de Fora, incorporados nas lavouras cafeeiras na zona rural ou na realização de diversos serviços no núcleo urbano, marca a composição da hierarquia sócio-econômica local, refletindo profundamente na sua formação cultural. Entre as centenas de imigrantes europeus e aqueles “nacionais”, originários da mistura de raças, que caracteriza o povo brasileiro, destaca-se a forte presença negra, vinculada às correntes do cativo. Mesclados aos demais grupos sociais formadores da identidade local, os negros reagiram e resistiram à exploração a que eram submetidos, negando a condição de instrumentos de trabalho e se impondo enquanto sujeitos ativos.³⁷

As relações sociais entre os imigrantes e a sociedade local traduziam-se em trocas culturais que possibilitavam novas experiências e adaptações; entretanto esses indivíduos não abandonaram completamente seus antigos laços culturais. Dessa maneira tecendo novos contatos, buscaram um caminho para a vida e, nesse espaço, muitos igualmente buscaram

³³ BORGES, Célia Maia. “Prefácio”. **Solidariedades e conflitos: histórias de vidas e trajetórias de grupos em Juiz de Fora/** organizado por Célia Maia Borges– Juiz de Fora : Ed. Ufjf,2000. p. 10-11.

³⁴ **Idem**, p. 12.

³⁵ **Idem**, p. 14.

³⁶ CHRISPIM, Karol Gruchenhka Lupatini. **Irmandade de Santo Antônio dos pobres de Simão Pereira (1867-1875): vivenciando conflitos e solidariedades**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2012. p. 67.

apoio e a proteção de um santo, quando a matriz religiosa dos imigrantes era igualmente católica, como era o caso de portugueses, italianos e parte dos alemães. .

A figura do santo sempre foi muito presente na cultura popular e no catolicismo lusitano e brasileiro. Portanto a devoção aos santos ocupa um lugar privilegiado na religiosidade e também manifesta a presença de um ‘poder’ especial e sobre-humano, que penetra os diversos espaços da vida cotidiana e favorece a proteção diante das incertezas da vida.

Essa forma de devoção do cristianismo insere-se especificamente no catolicismo tradicional que é uma religião marcada pelas proximidades entre os homens e os santos, e nessa religião há presente uma série de práticas e expressões.

Os devotos consideram os santos mais próximos, pois eles permanecem presentes na vida de quem os veneram, assim os fiéis exercem suas devoções como forma de proteção para sua vida. Os pedidos ocorrem entre o devoto e o santo, onde o santo passa ser um intermediário entre Deus e o Homem. A intercessão dos santos acontecia em todos os momentos da vida cotidiana, principalmente nos momentos de dificuldades, na cura de doenças, problemas familiares, endividamentos, desemprego, assunto de amor, entre outros.

O devoto mostra tanta intimidade ao fazer os seus pedidos, que enquanto aguarda alcançar a graça, ele impõe algumas punições ao santo como é o caso de Santo Antônio que sua imagem é colocada de cabeça pra baixo, ou tira o Menino Jesus dos braços de Santo Antônio o qual será devolvido somente depois de receber o pedido. Portanto vale tudo para o devoto alcançar a graça como os pedidos, orações, simpatias, entre outras. Mas para que a graça seja alcançada o devoto deverá pedir com muita “fé”, a fé para o devoto vem da alma, trata-se de uma questão de confiança e certeza além de trazer consolo.

Assim o fiel ao fazer o seu pedido, também faz uma promessa a qual será cumprida logo que a graça for alcançada. A promessa trata-se de um acordo feito com o santo, onde a finalidade é conseguir uma graça. Se a graça for alcançada o santo não terá o castigo, mas lembramos de que a promessa deverá ser cumprida, assim o devoto jamais poderá ficar em dívida com o santo, pois caso o devoto não cumpra ele perde a credibilidade com o santo, podendo ser punido com castigo por parte do santo, levando a não ser mais atendido e tal punição poderá ser dura.

Na religiosidade popular, cada sujeito social manifesta, com maior autonomia e espontaneidade, seus sentimentos, sua fala, seus medos, suas

³⁷ BORGES, Célia Maia. **Solidariedades e conflitos**: histórias de vidas e trajetórias de grupos.. , op.cit, p. 55.

necessidades, assim como o pagamento de suas promessas ou simples agradecimentos. Por meio de promessas, um sistema de troca com a santidade, o fiel sente que a salvação é possível e, sobretudo, é capaz de trazer os benefícios necessários para a sua vida, numa relação funcional com a santidade, nos momentos de maiores dificuldades materiais ou emocionais. Neles, a comunicação com o sagrado se intensifica na busca de graças e milagres que caracterizam em grande parte o caráter utilitário da religiosidade popular e a relevante importância ocupada pelas constelações devocionais, onde as santidades transcendem o abstrato para encarnar-se na imagem daquele que representa.³⁸

Os santos são considerados amigos pelos devotos, estabelecendo com eles uma relação de proximidade: passam a confiar neles todos os seus problemas e as suas dificuldades. Bens são ofertados, promessas são feitas, colóquios estabelecidos com seus santos prediletos. As várias práticas religiosas do cristianismo são herdadas dos nossos antepassados, transmitidas pelas famílias, passando por gerações e gerações, são apropriadas e atualizadas pelos filhos.

Em linhas gerais a devoção aos santos é uma manifestação religiosa muito antiga do cristianismo, além de envolver o culto aos santos, também estabelece uma forte relação entre o santo e os devotos. Trata-se de manifestações populares que abrangem alguns ritos como: rezas diante do santo protetor, novenas, procissões, romarias, dar esmolas aos santos, promessas, oferecimento de um dom o que não precisaria ser algo material podendo ser uma oração. As ofertas que os santos mais recebem são as velas, flores e enfeites, que são doados para agrada-los. “É no ritual – isto é, no comportamento consagrado – que se origina, de alguma forma, essa convicção de que as concepções religiosas são verídicas e de que as diretivas religiosas são corretas”.³⁹ Enfim percebemos que essas práticas devocionais envolvem os sentimentos dos devotos como confiança, fé, amizade e intimidade. Dessa forma os santos traziam proteção às famílias, sua presença se dava através das imagens que os representavam.

Fundamental para o homem religioso e apoiado numa interpretação cultural são os diversos símbolos. Através dos vários elementos simbólicos o fiel pode entrar em contato com o sagrado. O simbolismo está presente nos rituais, nos objetos litúrgicos, nas festas religiosas, enfim em tudo que pode ligar o homem ao sagrado. O homem se ampara nos símbolos onde encontra forças para vencer as adversidades. O sagrado e a religiosidade andam juntos e revelam-se na trajetória de todas as religiões, presente igualmente no catolicismo. É do

³⁸ JURKEVICS, Vera Irene. **Os santos da Igreja e os santos do Povo: devoções e manifestações de religiosidade popular**. Curitiba, 2004. Tese (Pós graduação em história) – Universidade Federal do Paraná, PR, 2004. p. 199.

³⁹ GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 1989, p.68., p.82

sagrado que o fiel espera todo o êxito e o socorro. Percebemos que qualquer objeto, lugar, peça ou matéria pode tornar-se invocador do divino. “Os gestos religiosos são carregados de significados simbólicos. Fazer o sinal da cruz diante de uma igreja, enfeitar os santos, investir na arte religiosa era uma forma de respeito frente ao sagrado.”⁴⁰ “A cruz também é um símbolo, falado, visualizado, modelado com as mãos quando a pessoa se benze, dedilhado quando pendurado numa corrente...”⁴¹ Os grupos que compartilham das mesmas crenças e práticas religiosas constroem significados e dão sentidos ao mundo, conformando as suas ideias e exprimindo realidades coletivas. A religião ajuda assim a conformar representações coletivas.

a religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos. Mas então, se as categorias são de origem religiosa, elas devem participar na natureza comum a todos os fatos religiosos: elas também devem ser coisas sociais, produtos do pensamento coletivo.⁴²

É pela religião que o homem se liga e se prende ao divino e passa manifestar seus problemas aos seres reconhecidos como sobrenaturais. Para estabelecer essa ligação com o sagrado, o rito e o lugar sacralizado tornam-se essencial; ali acontecerá sua experiência com o divino. O sagrado é essencial ao homem religioso: são nos espaços sagrados, nos gestos simbólicos e nos tempos e lugares festivos os sinais de Deus se revelam. O sagrado traz ao homem valores e significados.

Essa religiosidade é marcada por festas além de promover as solidariedades entre as comunidades. Na religiosidade tradicional a procissão constitui um dos atos mais importantes, além das festas de devoção e romarias. Dessa forma a comunidade se reunia no mês de junho para realizar as festas dedicadas a Santo Antônio, contando com as missas, procissões e as trezenas. Essas comemorações ainda são práticas tradicionais na cidade.

2.3 - Consolidação da Devoção a Santo Antônio na região de Juiz de Fora

⁴⁰ BORGES, Célia Maia. **Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário**: devoção e solidariedade em Minas Gerais (séculos XVIII e XIX). Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p. 136, 137.

⁴¹ GEERTZ, Clifford. **Op.cit.**, p.68.

⁴² DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 212.

No Brasil o catolicismo tradicional foi trazido pelos portugueses, e aqui foram enraizados pelos católicos leigos os cultos aos santos e as devoções.

Na cidade de Juiz de Fora, atualmente constam várias religiões e doutrinas, como católicos, espíritas, pentecostais e protestantes; a religiosidade local adquiriu formas diversas em função dos vários grupos que chegaram à localidade. Da parte dos católicos, a religiosidade implantada e desenvolvida com a formação da cidade de Juiz de Fora teve ligação estreita com o catolicismo tradicional, sobressaindo uma grande devoção aos santos, e aqui o Santo Antônio foi o santo de destaque o qual também emprestou seu nome à vila.

A devoção a Santo Antônio expandiu-se na localidade, através da ação de um morador da vila chamado Antônio Vidal, um rico fazendeiro de origem portuguesa, que vivia na região com sua família, e que era cristão. O primeiro documento é do ano de 1741, quando Antônio Vidal escreveu uma onde solicitou a licença para a construção de uma capela em sua fazenda, dedicada a Santo Antônio. Em sua argumentação demonstrou uma preocupação com o fato de ficar “a maior parte do tempo sem ouvir missa e a sua família, por causa da distância e dos maus caminhos.” A igreja mais próxima que frequentava era em Simão Pereira: a paróquia de Nossa Senhora da Glória. E no período das águas a viagem tornava-se mais penosa. Obter a autorização para construir a capela, sob a invocação de Santo Antônio, e ter as licenças para o seu funcionamento como templo o possibilitaria cumprir com as suas obrigações religiosas, de frequência às missas, assim como todos da sua família e moradores locais.

Diz Antonio Vidal homem casado morador na freguesia de Nossa Senhora da Glória, Caminho Novo das Minas, que ele suplicante mora em distância de seis léguas de sua Igreja Matriz, ficando a maior parte do tempo sem ouvir missa e a sua família, por causa da distância e dos maus caminhos e, por evitar o sobredito, e devoção que tem a Santo Antônio, quer erigir na sua fazenda uma capela com a invocação do dito Santo na qual possa satisfazer os preceitos de assistir missa e a sua família algumas vezes que tem, e o grande numero de passageiros que continuamente andam por aquele caminho, porém como não pode fazer sem licença. Pede a V. Excelência Reverendíssima faça mandar passar provimento para erigir a dita Capela, assinando-lhe o Reverendo Pároco do lugar e feita que seja no material para escritura do dote na forma da Constituição e com ela se recorrer a V. Ex^a licença para nela celebrarem. (assinatura ilegível) ⁴³.

No verso do documento consta a resposta do procurador da Mitra, onde ele orienta o pároco a observar o lugar onde será construída a capela.

⁴³Arquivo Histórico Arquidiocesano de Juiz de Fora. Paróquia de Santo Antônio / Juiz de Fora – MG. Carta de solicitação de Antônio Vidal sobre a construção de uma capela dedicada a Santo Antônio, em 20 de outubro de 1741.

Exmo.º IIm.º Senhor: - Deve-se remeter este Registro ao Pároco da freguesia para que pessoalmente vá ao lugar onde o suplicante quer edificar a capela, e lhe determine o sítio que fique separada das casas, e com passagem, informando da inutilidade que há, contando que não fique em lugar deserto, e juntar o suplicante escritura de dote perfeito ao menos de seis mil réis em cada ano, imposto em propriedade rendosa, na qual por ser casado terá a assinatura de sua mulher hipotecando-a especialmente para v. Ex.^a Revm.^a. De mandar passar Provisão de ereção sem embargo do que determinará o que o for mais justo. Rio ... de outubro de 1741. – Procurador da Mitra, Luís Teixeira de Magalhães.⁴⁴

Em outro documento de 1741 o pároco da freguesia de Nossa Senhora da Glória emite o seu parecer sobre a carta, no qual confirma a necessidade do pedido de Antonio Vidal e sua esposa.

Exm.º e IIm.º Sr. – não há dúvida que o suplicante he o ultimo morador desta freguesia da qual distam mais de seis léguas, e caminhos trabalhosos principalmente em tempos da águas, que para ouvir a missa são necessários dois dias. Também é exato que a capela que o suplicante quer erigir é necessária e útil, e não só para ele e sua família, mas também para os vizinhos, e passageiros de que é muito frequentado por ser ele quase o único por onde se comunicam todas as minas. Porém, indo ao lugar para lhe assinar o sítio, não acho outro mais acomodado que junto as casas de sua vivenda, com as outras juntas a elas, mas com uma só parte do caminho, livre de todo o uso e comunicação doméstica, e não há na paragem outro, por serem todos matos e montes e onde tenha outro mais acomodado é de outra parte de uma [*corroído*] a Parahibuna que é necessário passa-lo em canoa, e além disto dito Rio enche por ser a dita parte toda de água e capim. Que o suplicante me parece merecedor de graça que implora da inata piedade de V. Exm.^a e Revm.^a, que mais fará o que for servido. – Freguesia de Nossa Senhora da Glória do Caminho Das Minas,de setembro de 1741. Beija os pés de V. Exma.^a e Revm.^a, seu menor súdito e O Vigário, Antônio Gomes da Rosa.⁴⁵

Diante da necessidade da construção da capela conforme apresentada por Antônio Vidal e atestada pelo vigário, foi conferido o direito de edificar a capela, para realizar o rituais católicos, ao mesmo tempo que o local servia aos moradores para as suas práticas devocionais ao santo padroeiro.

Na região de Juiz de Fora a origem da cidade e a implantação da fé católica caminham juntas. Como vimos à devoção a Santo Antônio possibilitou dar início à construção da primeira capela nas terras de Antonio Vidal, a qual ficou filiada a Paróquia Nossa Senhora da

⁴⁴ *Idem*. Carta do procurador da Mitra, em outubro de 1741.

Glória de Simão Pereira. O imigrante Antonio Vidal nos fornece o exemplo de sua devoção e fé, que era igualmente a devoção de outros colonos. Através do requerimento para a construção e institucionalização da capela se comprova uma forte devoção à figura de Santo Antônio. Investir para a construção de uma capela contribuiu para a formação de amizades e laços de solidariedade entre pessoas que frequentariam um mesmo espaço religioso, capaz de criar ritos coletivos, estabelecendo um ponto de referência onde teriam espaço para festas, reuniões, novenas, procissões, ladainhas e cânticos.

Sobre esta capela, o viajante Saint-Hilaire que passou pela região no início do século XIX deixou um registro:

Não há maior povoação em Simão Pereira do que às margens do Paraíba. A Igreja, mais ou menos isolada, foi construída a pequena distância do caminho, no meio de uma pequena plataforma, e por traz della se eleva um morro cujo cume está coroado de matas virgens e a encosta, outrora cultivada, não apresenta mais que arbustos. A paróquia que depende dessa igreja se dilata por uma extensão de dez léguas portuguesas, desde o Paraibuna até a localidade chamada Juiz de Fora. Antigamente apenas compreendia o pequeno número de casas situadas à margem do caminho; mas, desde a chegada do rei D. João VI ao Rio de Janeiro, recebeu um considerável acréscimo de população. Mais de quatrocentos homens livres com outros tantos escravos ali vieram se estabelecer de diferentes partes da província das Minas, atraídos pela fertilidade das terras, pelas vantagens que oferece a vizinhança da capital, e a de não pagar nenhuma taxa, morando além do *registro* de Mathias Barbosa.

(...)

A 1 légua e 3/4 quartos de Marmelo se encontra a habitação de Juiz de Fóra, nome que sem dúvida procede do emprego que ocupava o primeiro proprietário. Da venda de Juiz de Fora têm-se sob os olhos uma paisagem encantadora. Essa venda foi construída na extremidade de uma vasta campina, rodeada por toda a parte de morros. O Paraibuna corre ao lado do caminho, sobre um pequeno regato que nele se lança, depois de atravessar a estrada, foi construída uma ponte de madeira de efeito muito pitoresco; perto há um cruzeiro: mais longe se vê uma capela abandonada e as ruínas de um engenho. Ao lado da venda existe um vasto *rancho*, e bem próximo, um paiol de milho.⁴⁶

Em seu relato Saint-Hilaire mostra que no início do século XIX o povoado de Santo Antônio do Parahybuna era mais conhecido como “Juiz de Fora”, e o povoado que estava se formando, não havia muitas casas.

⁴⁵ *Idem*. Resposta do Vigário da Freguesia de Nossa Senhora da Glória de Simão Pereira.

⁴⁶ SAINT-HILAIRE, Auguste, **Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais**. T. 1 . Tradução: Clado Ribeiro de Lessa. 1938. Edição da Companhia Editora Nacional de São Paulo. Brasileira 5ª serie da Bibliotheca Pedagogica Brasileira . Link de acesso: <http://bdor.sibi.ufrj.br / handle / doc/208>. p. 92-98.

O fazendeiro Antonio Vidal vendeu sua fazenda ao Alferes Dias Tostes, o qual no ano de 1815 requereu a construção de uma segunda capela, pois a primeira encontrava-se em estado de ruína. Em 11 de dezembro de 1815 o príncipe regente de Portugal Dom João autoriza a construção da capela.

...Faço Saber, que Antonio Dias Tostes morador na Freguezia de Nossa Senhora da Glória de Simão Pereira do Bispado de Marianna ele representou, que possuindo huma Fazenda denominada Juiz de Fora, em que se acha huma Capella de Santo Antonio, que por estar muito arruinada, ele lhe pedia licença para mudar a dita Capella para hum espaço, que ficasse servindo de Adro o mesmo que he cemitério da antiga Capella.⁴⁷

Esta segunda capela continuava dedicada a Santo Antônio e localizava-se no local conhecido como Morro da Boiada onde crescia e se desenvolvia o povoado durante o século XVIII. Antes a capela atendia apenas aos moradores das poucas casas que existiam ao seu redor, porém com maior movimentação no Caminho Novo, devido ao aumento agrícola e pecuário, houve grande crescimento populacional.

Dentro desta perspectiva a iniciativa de se erigir capelas pode ser vista também como um demonstrativo da condição social, pois os proprietários ao doarem terras para o patrimônio, terras que se transformariam em fonte de renda para a capela, ao mesmo tempo que satisfaziam seus preceitos religiosos e atendiam as necessidades religiosas dos fiéis, também desfrutavam de honra social e reforçavam seu poder sobre a comunidade.⁴⁸

Segundo o autor Caio da Silva, a Estrada Nova do Parahybuna que também chamava Estrada Nova foi inaugurada em 1838, contribuindo para que a região passasse a ter uma melhor infraestrutura para o desenvolvimento do arraial de Santo Antônio do Parahybuna, pois o terreno era mais plano neste local. No lado direito havia uma estrada por onde podiam passar charretes e carruagens. O engenheiro responsável foi Henrique Guilherme Fernando Halfeld que contribuiu com melhorias na estrada que ligava Vila Rica e Paraibuna. Henrique Halfeld era alemão, homem católico e fez parte da Irmandade do Santíssimo Sacramento, e

⁴⁷ Arquivo Histórico Arquidiocesano de Juiz de Fora. Paróquia de Santo Antônio / Juiz de Fora – MG. Carta resposta a Antonio Dias Tostes concedendo licença para edificação de uma nova capela dedicada a Santo Antônio pelo fato da existente encontrar em estado de ruína. 11 de dezembro de 1815. Fundo Paroquial.

⁴⁸ CORRÊA, Eliane Machado; SILVA, Simone Santos de Almeida. **A Religiosidade nas origens do espaço urbano juiz-forano: petições e despachos para ereção de capelas em devoção a Santo Antônio. Memórias Eclesiásticas: Documentos comentados** / organizado por Mabel Salgado Pereira e Beatriz V. Dias Miranda Juiz de Fora: - Editora UFJF – Centro de Memória da Igreja de Juiz de Fora – Cehila/Brasil Núcleo Minas Gerais, 2000. p. 33.

colaborou muito com a vida paroquial. O engenheiro também construiu prédios, atribuindo-se a ele a criação da primeira escola primária.⁴⁹

Após a construção da nova Estrada do Paraibuna esse lado direito do arraial do Parahybuna começou a ser mais povoado, assim construíam casas à margem da nova estrada. As obras do engenheiro contribuíram para que os moradores se deslocassem para o novo trecho. Assim o povoado cresceu rapidamente e o arraial de Santo Antônio do Paraibuna recebeu o nome por conta da devoção ao santo que já estava no local.

“Assim, para valorizar seus terrenos e obter maior “status” social na localidade, as famílias Tostes e Halfeld ‘doaram’ terras para construir a nova matriz, vias públicas, dentre outras benfeitorias nesse ‘novo centro urbano’ que se formava.

(...)

Como é possível observar, a partir da construção da Estrada do Paraibuna o lado direito do arraial de Santo Antônio do Parahybuna passou a ser povoado de forma mais intensificada.⁵⁰

Dessa forma, à margem da nova estrada foram construídas casas, e cada vez mais as pessoas se instalavam no local. Foi edificada uma igreja matriz dedicada a Santo Antônio na rua Direita de Juiz de Fora, que deu origem à atual Avenida Barão do Rio Branco. Era a terceira capela construída com doações de fiéis.

Em 8 de março de 1844, o Governo Provincial emite provisão para que seja construída “nova capela de Santo Antonio do Juiz de Fora”. Trata-se, portanto, de uma terceira capela, mais ampla, construída com novas doações de fiéis devotos que possibilitam a ampliação do patrimônio à margem da Estrada Geral, hoje avenida Rio Branco, onde se encontra a atual Catedral Metropolitana.⁵¹

Para essa terceira capela dedicada ao mesmo santo de devoção foi levada a primeira imagem introduzida na região dedicada a Santo Antônio, que pertencia à primeira capela de Antonio Vidal. Diz uma lenda local que a imagem à noite retornava ao seu lugar de origem, por isso a imagem ficou conhecida como “Santo Antônio Fugão”.

⁴⁹ OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional da UFJF / Editora da UFJF, 1994. p.19.

⁵⁰ BATISTA, Caio da Silva. **Cotidiano e escravidão urbana na Paróquia de Santo Antônio do Juiz de Fora** (MG), 1850 – 1888 / Caio da Silva Batista – Juiz de Fora (MG): Funalfa, 2015. p. 47

⁵¹ Catálogo da Exposição da Arquidiocese de Juiz de Fora: **Nossa História é de fé, nossa Igreja tem arte, 2011.**

A terceira capela foi terminada no ano de 1847, mas ainda havia ficado pequena. E ainda não contava com torres. Seu tamanho acabou por não atender ao número de fiéis que crescia.

O centro organizador da comunidade se desenvolveu em torno da igreja, o que contribuiu para o crescimento e desenvolvimento da cidade.

Para melhorar o espaço dos fiéis então decidiram dar início a uma nova construção de uma igreja maior. A igreja foi derrubada para a construção de uma mais ampla. Finalmente a quarta igreja dedicada a Santo Antônio foi edificada com arte e beleza, podendo melhor acolher a crescente população.

Com o progresso e vertiginoso desenvolvimento da cidade, a exemplo das novas edificações da Municipalidade e do Forum, promoveu-se também a construção da nova igreja matriz, no mesmo lugar da outra já velha, pelo menos de vinte anos. As obras da construção dessa nova igreja tiveram início com a mudança de cemitério, para outro local e a inauguração do majestoso templo ocorreu no ano de 1866. Desse templo que alcançou a glória de ser Catedral, ainda restam as suas duas torres e, pela sua grandeza e linhas arquitetônicas, em pouco ou quase nada foi superado pelo atual que o substituiu.⁵²

Dentro desse contexto de mudanças da malha urbana da então cidade de Juiz de Fora, esta localidade se tornava um importante centro urbano na região sul da Zona da Mata, pois adquiria relevância política, religiosa e econômica dentro do contexto matense, ao oferecer uma série de serviços especializados, como afinadores de pianos, professores, modistas e diversos produtos vindos de outras regiões do país e da Europa.⁵³

O desenvolvimento da cidade proporcionou à antiga igreja ser elevada à condição de Catedral em 1º de fevereiro de 1924 pelo Papa Pio XI, quando foi criada a Diocese de Juiz de Fora. Agora na Igreja Matriz as festividades continuavam com toda pompa e exuberância, e nela aconteciam as principais celebrações do ano litúrgico. O primeiro bispo, Dom Justino José de Santana, que teve grande atuação no campo da evangelização, transformou a antiga matriz em Catedral. Em 14 de abril de 1962 o Papa João XXIII elevou a Diocese para condição de Arquidiocese.

⁵² OLIVEIRA, Maximiliano F. **Sinais da Igreja no Juiz de Fora**. Traços históricos, Juiz de Fora: Tomo I. Ed. 1976. P. 40.

⁵³ BATISTA, Caio da Silva. **Cotidiano e escravidão urbana na Paróquia de Santo Antônio do Juiz de Fora (MG), 1850 – 1888** – Juiz de Fora (MG): Funalfa, 2015. p. 66.

Ao lado do catolicismo oficial, em Juiz de Fora as manifestações populares continuaram a ter grande espaço com suas rezas, festejos, peregrinações e promessas para os seus oragos preferidos.

2.4 - A fé na imagem de Santo Antônio e a Iconografia

O fazendeiro Antonio Vidal enquanto aguardava a ereção da capela, já possuía uma imagem de Santo Antônio de Pádua em sua residência que mais tarde seria integrada à sua capela. Nos dias atuais a imagem de Santo Antônio faz parte do acervo da Catedral Metropolitana de Juiz de Fora. Trata-se uma imagem de madeira dourada e policromada do século XVIII, medindo 98 x 45 x 28 cm, seu peso é de aproximadamente 30 kg.⁵⁴

“Lá no Morro da Boiada, onde era antigamente o arraial de Santo Antônio, que existia antes de se fundar Juiz de Fora, havia uma capelinha do santo e um cemitério. Quando a população do Morro desprezou o local e veio cá pra a Vargem, onde está agora a cidade, trouxeram em procissão a imagem para o oratório do vigário, mas qual! A imagem voltou para a sua capelinha. Tornaram a trazer o santo, mas ele tornou a voltar. Era mesmo uma teima sem remédio...

Santo Antônio da Boiada era milagroso deveras, e o povo tinha com ele muita devoção! Valha-me, Santo Antônio da Boiada! E estava logo tudo arranjado, desde que fosse para bem, que para mal não há santo que ajude. [...]”⁵⁵

De acordo com Riolando Azzi “essa narrativa de imagens que voltavam aos primitivos lugares em que eram cultuadas era muito comum na sociedade colonial.”⁵⁶

Toda imagem trás consigo uma leitura que é feita através dos seus atributos, onde os símbolos ajudam na leitura interpretativa da imagem, possibilitando diferenciar os santos. A iconografia de Santo Antônio apresenta grande riqueza, propiciando uma leitura dos registros das representações criadas a partir das construções hagiográficas. A escultura de Santo Antônio o representa como um jovem, portando um hábito de cor marrom e o corte tonsurado do cabelo, atributo que identifica os integrantes da ordem franciscana. A cruz

⁵⁴ COLOMBO, Andre Vieira. **Imaginária Sacra em Juiz de Fora** /André Vieira Colombo; Raphael João Hallack Fabrino; Valtencir Almeida Passos. Juiz de Fora: Funalfa, 2008. 158 p. p. 52.

⁵⁵ GOMES, L. **Contos Populares Brasileiros**. 3 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.p. 173-174.

⁵⁶ AZZI, Riolando. **Sob o Báculo Episcopal: A Igreja Católica em Juiz de Fora, 1850 – 1950. Juiz de Fora: Centro da Memória da Igreja de Juiz de Fora, 2000. p. 41.**

pode significar duas coisas: o espírito missionário do santo, ou seu desejo de se tornar um mártir da fé. O menino Jesus em cima do livro (Bíblia) que o santo tem na mão, evoca a característica de Frei Antônio como pregador do Verbo encarnado; o menino, segundo algumas fontes, nos primeiros tempos, não seria Jesus, mas as crianças, por quem o santo tinha enorme predileção; numa obra de El Greco, o menino (Jesus) aparece como brotando das páginas do livro, onde Antônio mostra a revelação do Verbo. Santo Antônio quando representado com uma cruz, simboliza sua condição de penitente; sendo representado com um lírio nas mãos, indica sinal de pureza e castidade. O livro representa o Evangelho e a sabedoria de Antônio, primeiro mestre de Teologia da Ordem dos Frades Menores e doutor da Igreja. Lembra o pregador que arrebatava as multidões com as palavras do Evangelho. O lírio é um símbolo-atributo que aparece nas representações artísticas após o século XV e se torna popularíssimo; tem dois significados: o mais antigo remete a Pádua; o lírio é a flor da estação na qual Antônio morreu; é a flor do campo, ornamental, perfumada, medicinal e frágil. O outro significado simbólico, posterior ao primeiro, refere-se à pureza, à castidade, à pobreza e ao vigor do testemunho de vida, na entrega do coração virginal a Deus. Há ainda um terceiro atributo, paralelo: a natureza, mostrada, pelos franciscanos, como sinal de Deus.⁵⁷

No catolicismo até os dias atuais os santos são representados através de imagens, de pinturas entre outras formas. As imagens produzem sentidos e constroem relações com os devotos, pois além de rememorarem o milagre dos santos, há uma forte devoção na própria imagem que o representa que está sempre presente nos lares. As imagens estão em um local privilegiado da casa, e como forma de respeito se reza e se cultua, se enfeita, ou acende velas. Assim as imagens exercem grande poder na fé católica e até hoje elas marcam presença nos cultos. As imagens, principalmente as representações escultóricas, adquirem um papel central, pois assumem um poder sagrado, fonte de força para os fieis. A intensidade dos devotos com a imagem é muito forte, pois também acreditam que ao tocar a imagem obtinham a cura ou a graça. Os fiéis assim estabelecem uma relação de proximidade com o santo de predileção representado na imagem, por isso tocam, beijam, ajoelham, fazem o sinal da cruz, além de conversarem e exporem as suas aflições.

O centro do catolicismo popular no Brasil Colônia era os santos, os devotos populares não entendiam a imagem como uma representação, mas sim como o próprio santo ali presente, a bênção era concedida pela imagem, os devotos apreendiam o santo como um parente próximo.

⁵⁷ GALVÃO, Carmen Sílvia Machado; GALVÃO, Antônio Mesquita. “**Santo Antônio, a realidade e o mito**”, da Editora Vozes. Disponível em: <https://ofsabaete.blogspot.com/2012/06/especial-santo-antonio-de-padua_11.html>. Acesso em 04 de outubro de 2019.

(...)

“Os católicos devotos populares estruturam a prática votiva a partir de um mito, em que se acredita na presença do santo na imagem.”⁵⁸

Capítulo 3: Jornal O Pharol

3.1 – A festa no Jornal: Organizando os festejos em homenagem a Santo Antônio

O jornal O Pharol que circulava na cidade evidenciava em suas edições do mês de maio e junho o convite para os festejos do dia reservado a Santo Antônio. As leituras dos jornais proporcionavam aos moradores informações sobre os horários das missas, procissões, trezenas, entre outros festejos. Para os administradores da igreja as festas resultavam em renda para a melhoria das obras, pois proporcionavam ofertas e oferendas que vinham da comunidade. Percebemos também como era usual os fogos de artifício para iluminar o céu, quer nas demais festas religiosas ou na do padroeiro. O jornal O Pharol do dia 7 de junho de 1877, anunciava a festa de Santo Antônio:

Festa de S. Antonio

No dia 13 do corrente terá lugar a festa de Santo Antonio, nosso padroeiro, por iniciativa, do nosso Revm. Vigario, e de todos os fieis irmãos que quiserem concorrer com suas esmolos.

A festa constará de missa cantada, procissão às 4 horas, e de noute um fogo artificial.

As trezenas continuão todas as noutes havendo sermão em algumas delas.

Pede-se aos fieis irmãos, suas esmolos para um fim tão justo, e sua concorrência para brilhantismo do acto.⁵⁹

Neste dia 13 de junho toda festividade ocorria desdobrando em inúmeras ações em homenagem a Santo Antônio. As missas cantadas solenizavam o evento e os sermões ajudavam a compor os rituais de algumas trezenas.

⁵⁸ FONTES, Hênio Pereira. **A Prática Votiva Expressa na Relação Devoto-Santo no Catolicismo Popular: Um Estudo sobre os Ex-votos do Santuário Nossa Senhora da Penha – Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)** – Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, 2014. p. 14- 43- 44.

⁵⁹ Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. O Pharol. 7/07/1877.

Papel importante era desempenhado pela irmandade de Santo Antônio, conforme registrou o jornal O Pharol do dia 28 de maio de 1882, que trazia um anúncio dos irmãos da fraternidade de Santo Antônio sobre o início dos festejos dedicado ao dia de Santo Antônio. No dia dedicado ao santo, a irmandade se comprometia a comemorar com todas as honrarias possíveis para a exaltação do padroeiro. “A festa é talvez o maior momento de os confrades pôr em prática a devoção ao protetor, manifestar a alegria de crer, vivenciar e se aproximar do sagrado, juntamente com toda a Irmandade e a sociedade.”⁶⁰

O período dos festejos exigia dos confrades longos preparativos e organização para as missas, as trezenas, os leilões, entre outros, os irmãos se preocupavam em homenagear o santo de devoção com uma festa intensa, rica e farta. Esse mês de junho era muito especial tanto para os irmãos como para a comunidade.

Santo Antonio

A irmandade de Santo Antonio comemora a festa do seu orag, com missa solemne, Te-Deum, precedendo trezenas que começarão no dia 1 de junho próximo futuro.⁶¹

Mas, se a festa era importante, houve caso em que um irmão cobrou da nova mesa diretora da irmandade de Santo Antônio, no jornal o Pharol, a deliberação sobre os preparativos da festa do padroeiro, como consta no anúncio publicado no dia 03 de maio de 1883:

Irmandade de Santo Antonio

Pergunta-se aos irmãos da nova mesa da irmandade de Santo Antonio, se não se reúne a respectiva mesa para deliberar sobre as festas do padroeiro.

Um irmão

Juiz de Fóra, 30 de Abril de 1883.⁶²

Tudo indica que ele estivesse preocupado com a demora dos novos mesários assumirem a preparação dos festejos, pois o mês de abril já finalizava e eram necessários investimentos que a solenidade do evento requeria. Do empenho dos irmãos dependia o esplendor da festa.

⁶⁰ QUIOSSA, Paulo Sérgio. **Mistério da fé: a Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de Santo Antônio de Juiz de Fora (1854-1962)**/ Paulo Sérgio Quiossa – Juiz de Fora (MG): FUNALFA Edições, 2006. p. 11.

⁶¹ Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. O Pharol 28/05/1882.

⁶² Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. O Pharol 03/05/1883.

No ano seguinte, o jornal O Pharol do dia 14 de junho de 1884 anuncia a festividade de Santo Antônio da parte do procurador e membros da comissão dos festejos quando também solicitam a doação de prendas para o leilão.

Festa de Santo Antônio

Atenção

O abaixo assignado, procurador e membro da comissão de festejo do glorioso Santo Antonio, avisa ao publico que no dia 24 do corrente, na igreja matriz desta cidade, se solemnizará com toda a pompa e esplendor do culto divino a brilhante festividade de Santo Antônio, precedida de novas e leilão de prendas até o dia 23.

Pelo que muito especialmente a referida comissão pede a todos os devotos a sua benévola concorrência, e bem assim se dignem enviar-lhe, desde já, sua obsequiosas prendas para o leilão, afim de dar maior luzimento a esta festa de devoção e religiosidade.

A comissão antecipa seus agradecimentos e, convictamente, assim o espere.

O procurador,

Manoel Luiz do Couto e Silva.

Juiz de Fóra 13 de Junho de 1884.⁶³

Lendo os anúncios do jornal O Pharol, na data próxima dedicada a Santo Antônio, percebemos o quanto era relevante o festejo dedicado ao padroeiro da cidade. Havia grande seriedade e compromisso na preparação da sua festa. Os devotos envolvidos na preparação da festa ofereciam aos habitantes uma homenagem ao seu santo padroeiro, que era igualmente uma expressão de sua fé, sem esquecer que a festividade constituía ainda um momento de lazer. A festa dedicada ao santo era um momento de vivência coletiva de sua religião, onde o devoto tinha a oportunidade de agradecer a graça concedida, ou caso ainda que não a tivesse alcançado, podia reafirmar seu pedido.

Sendo assim os festejos proporcionavam a mistura do sagrado e do profano, onde existia o espaço pra celebração, da exaltação do sagrado e da renovação espiritual, mas também havia o lugar da distração e do lazer onde o profano tinha seu espaço. O dia da festa era um momento especial que mudava a rotina das pessoas.

A festa unia, ainda que momentaneamente, diferentes grupos sociais. A Irmandade do de Santo Antônio ao promover a festa em homenagem ao santo padroeiro, ajudava a consolidar e reforçar os laços sociais dos devotos do santo.

As festas proporcionavam além da oração, o lazer, fazendo que ali os moradores tivessem uma convivência social, possibilitando a construção de novas relações sociais. A

⁶³ Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Link de acesso: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. O Pharol 14/06/1884.

festa possibilita mudar o cotidiano das pessoas, pois ela dava outro ritmo ao tempo, rompendo com o tempo profano, e suscitando um novo sentido ao espaço.

Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência ‘forte’, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que *é real*, que existe *realmente* – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca.⁶⁴

O homem religioso vivencia a experiência do sagrado e do profano no espaço e no tempo. O tempo sagrado pode recuperar e repetir⁶⁵, pois não acaba e não se esgota, entretanto para o homem não religioso o tempo profano se esgota possui começo e fim. “(...) está ligado à sua própria existência, portanto tem um começo e um fim, que é a morte, o aniquilamento da existência”.⁶⁶

Tal como o espaço, o Tempo também não é, para o homem religioso, nem homogêneo nem contínuo. Há por um lado, os intervalos de Tempo sagrado, o tempo das festas (na sua grande maioria, festas periódicas); por outro lado, há o Tempo profano, a duração temporal ordinária na qual se inscrevem os atos privados de significado religioso.

(...)

O homem religioso vive assim em duas espécies de Tempo, das quais a mais importante, O Tempo sagrado, se apresenta sob o aspecto paradoxal de um Tempo circular, reversível e recuperável, espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos.⁶⁷

A festa congregava e congrega grande parte da comunidade o que facilita o envolvimento das pessoas para exaltar o sagrado. No momento dos festejos os sentimentos sociais eram despertados, transbordando um sentimento de pertencimento coletivo, havendo uma exaltação do sagrado. “Em todo lugar, o sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca; ele não apenas encoraja a devoção como a exige; não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso emocional”.⁶⁸ A fé e os festejos caminham juntos fortalecendo os laços sociais dos integrantes da comunidade religiosa. “As festas eram,

⁶⁴ ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano**. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 25.

⁶⁵ Idem, 1992. p. 64.

⁶⁶ Idem. p. 65.

⁶⁷ Idem, p. 63-64.

⁶⁸ GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 1989, p.93.

desse modo, além de manifestação sacra, um evento tipicamente social”⁶⁹, “com música, canto, danças, fogos de artifício, quermesse e comidas típicas”.⁷⁰

Na realidade, porém, todas essas atividades cerimoniais se diferenciam dos trabalhos similares executados no tempo comum pelo fato de só incidirem sobre alguns objetos – que constituem, de certo modo, os arquétipos de suas respectivas classes – e também porque as cerimônias são realizadas numa atmosfera impregnada de sagrado.⁷¹

⁶⁹ QUIOSSA, Paulo Sérgio. **Mistério da fé: a Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de Santo Antônio de Juiz de Fora (1854-1962)**/ Paulo Sérgio Quiossa – Juiz de Fora (MG): FUNALFA Edições, 2006. p. 121.

4. CONCLUSÃO

A pesquisa teve como objetivo central analisar a chegada da devoção de Santo Antônio em Juiz de Fora, sendo a primeira a ser cultuada na região. Essa devoção chegou com os portugueses e expandiu-se na localidade, através da ação de um morador da vila chamado Antonio Vidal, um fazendeiro de origem portuguesa, que vivia na região com sua família, e que era cristão. Em 1741 Antonio Vidal escreveu uma carta onde solicitou licença para a construção de uma capela em sua fazenda dedicada a Santo Antônio. Em sua argumentação demonstrou uma preocupação com o fato de ficar “a maior parte do tempo sem ouvir missa e a sua família, por causa da distância e dos maus caminhos.” A igreja mais próxima que frequentava era em Simão Pereira, a paróquia de Nossa Senhora da Glória. E no período das águas a viagem tornava-se mais penosa. E as missas para o católico praticante eram uma obrigação, onde o devoto devia cumprir o sacramento. A devoção de Santo Antônio possibilitou dar início à construção da primeira capela nas terras de Antonio Vidal, a qual ficou filiada a Paróquia Nossa Senhora da Glória de Simão Pereira. Também estabeleceu um local para as práticas de um catolicismo tradicional, com base em rezas e rituais em homenagem ao santo devoto.

Contudo percebemos o quanto o fazendeiro Antonio Vidal, que era homem cristão e vivia na região com sua família, contribuiu para que a religiosidade católica se firmasse na cidade, pois a devoção a Santo Antônio expandiu-se na localidade através da sua ação. A devoção a Santo Antônio em Juiz de Fora, além de um fenômeno religioso do catolicismo, também possibilitou a institucionalização de uma capela, e futuramente a consolidação de uma igreja, indo muito além das práticas simbólicas de um catolicismo tradicional e dessa maneira também contribuiu para o nascimento da vila, onde o povoado aos poucos foi crescendo e se consolidando como cidade.

Com a construção da capela, além das práticas religiosas tornarem-se práticas oficiais do catolicismo, também possibilitou a formação de uma identidade e solidariedade entre pessoas que frequentariam um mesmo espaço religioso. Assim podemos notar que na região de Juiz de Fora, a origem da cidade e a implantação da fé católica caminharam juntas. O imigrante Antônio Vidal ao solicitar a construção de uma capela, além de ter um apoio espiritual, também contribuía para a formação de uma identidade. As relações sociais além de

⁷⁰ AZZI, Riolando. **O Catolicismo Popular no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 106.

⁷¹ ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano**. Op.cit., 1992. p. 77.

envolver os imigrantes também envolviam a sociedade local. Essas relações sociais contribuía com trocas culturais além de novas experiências e adaptações, entretanto ao mesmo tempo esses indivíduos não abandonaram seus laços culturais. Dessa maneira tecendo novas relações encontravam um caminho e um apoio para suas vidas e nesse espaço eles sentiam poder contar com a proteção de um santo.

O Santo Antônio sendo português de nascimento tornou-se o mais popular dos santos portugueses e sempre foi muito invocado em diversas situações pela população colonial. Ao Santo Antônio são atribuídos alguns traços como protetor dos pobres, intercessão para a localização de coisas perdidas, mas principalmente como protetor dos casais de namorados para a questão do casamento.

A devoção ao santo pela população local deu origem à edificação da igreja Matriz de Santo Antônio de Juiz de Fora que contou com a presença de uma Irmandade de Santo Antônio, formada por leigos. A Irmandade de Santo Antônio promovia todo ano a festa em homenagem ao padroeiro, momento que congregava grande parte da sociedade católica.

A festa dedicada a Santo Antônio mudava o cotidiano das pessoas, pois marcava o ritmo do tempo e do espaço sagrado. No momento dos festejos os sentimentos sociais são despertados transbordando um sentimento de pertencimento coletivo, havendo uma exaltação do sagrado. Nota-se que as festas proporcionavam além da oração o lazer, fazendo que ali os moradores tivessem uma convivência social, possibilitando novas relações sociais e a construção de laços de solidariedade.

Percebemos a existência de um catolicismo tradicional que foi trazido pelos portugueses e que difere do catolicismo oficial. O catolicismo tradicional torna-se diferente daquilo que é oficialmente proposto pela Igreja. Uma dessas diferenças está na forma dos católicos vivenciarem a sua religiosidade, sem necessariamente a presença da Igreja, tendo a crença forte no poder dos santos, um catolicismo com muita reza, muita devoção e muitas capelas. A diferença do catolicismo tradicional e o oficial reside no papel da autoridade eclesiástica, que controla os ofícios litúrgicos de acordo com os mandamentos da Igreja que em nome da instituição católica exerce o seu poder. Nos primeiros anos de colonização o catolicismo tradicional esteve presente, voltado para as manifestações populares onde se faziam novenas, procissões, romarias sem haver a necessidade da presença de um padre. Os leigos ocuparam o papel de líder nesse catolicismo, promovendo rezas e cultos às suas divindades e santos.

A partir dessa pesquisa entendemos a escolha de Santo Antônio para ser o santo de devoção da primeira capela. Foi essa devoção que impulsionou a religiosidade na região e

aproximou os imigrantes católicos da população local, contribuindo para eles se identificarem com os nacionais que praticavam a mesma religião, possibilitando construir novas relações sociais.

FONTES

1. Manuscritos

1.1 Juiz de Fora

1.1.1 Arquivo Histórico Arquiocesano de Juiz de Fora (AHAJF)

*Carta de solicitação de Antônio Vidal sobre a construção de uma capela dedicada a Santo Antônio, em 20 de outubro de 1741. Paróquia de Santo Antônio / Juiz de Fora – MG.

*Carta do procurador da Mitra, em outubro de 1741. Paróquia de Santo Antônio / Juiz de Fora – MG.

*Estatuto da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de Santo Antônio de Juiz de Fora, ano 1876. Documento 56.5

*Resposta do Vigário da Freguesia de Nossa Senhora da Glória de Simão Pereira. Paróquia de Santo Antônio / Juiz de Fora – MG.

*Carta resposta a Antonio Dias Tostes concedendo licença para edificação de uma nova capela dedicada a Santo Antônio pelo fato da existente encontrar em estado de ruína. 11 de dezembro de 1815. Paróquia de Santo Antônio / Juiz de Fora – MG.

1.2 Belo Horizonte

1.2.1 Arquivo Público Mineiro – Coleção de Leis Mineiras, 1835-1889

*Lei número 472 de 31 de maio de 1850. Tomo XVI. Parte 1º. p. 41-52. Tipografia Episcopal. 1855. Link de acesso:

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/leis_mineiras/brtacervo.php?cid=1088

*Lei número 759 de 02 de maio de 1856. Tomo XXII. Parte 1º. p. 6-7. Tipografia Episcopal. 1857. Link de acesso:

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/leis_mineiras/brtacervo.php?cid=1494

*Lei número 1262 de 19 de dezembro de 1865. Tomo 31. Parte 1º. p. 21-22. Tipografia Episcopal. 1866. Link de acesso:

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/leis_mineiras/brtacervo.php?cid=2256

Relatos de Viajantes

SAINT-HILAIRE, Auguste, **Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais**. T. 1 . Tradução: Clado Ribeiro de Lessa. 1938. Edição da Companhia Editora Nacional de São

Paulo. *Brasiliana* 5ª série da Bibliotheca Pedagogica Brasileira . Link de acesso: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/208>. p. 92-98.

Revistas e jornais

Biblioteca Nacional - Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

O Pharol. 7/07/1877. Link de acesso: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

O Pharol 28/05/1882. Link de acesso: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

O Pharol 03/05/1883. Link de acesso: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Revista: Aspectos Religiosos, **Nas etnias pioneiras em Juiz de Fora** – Funalfa. p.3, 4, 5, 6 e 7, 8, 9, 10, sem data.

VAINFAS, Ronaldo. **Santo Antônio na América portuguesa: religiosidade e política.**

Revista USP, São Paulo, n.57, p. 28-37, março/maio 2003.

2. Livros, teses e artigos

ALMEIDA, Niero Lidiane. **Santos e Devoções nas Minas Setecentistas: Feições da religiosidade católica na comarca do Rio das Mortes (1730-1800).** 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2014.

AZZI, Riolando. “As Romarias no Brasil”. In: **Religiosidade Popular na América Latina.** Revista Vozes, Ano 73, vol. LXXIII, maio de 1979, n. 4, pp. 279-294.

AZZI, Riolando. “Elementos para a história do Cristianismo popular”. In: **Revista eclesiástica brasileira.** Vol.36. Petrópolis: Vozes, 1976.

AZZI, Riolando. **Sob o Báculo Episcopal: A Igreja Católica em Juiz de Fora, 1850 – 1950. Juiz de Fora: Centro da Memória da Igreja de Juiz de Fora, 2000.**

BATISTA, Caio da Silva. **Cotidiano e escravidão urbana na Paróquia de Santo Antônio do Juiz de Fora (MG), 1850 – 1888 / Caio da Silva Batista – Juiz de Fora (MG): Funalfa, 2015.**

BORGES, Célia Maia. **Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais (séculos XVIII e XIX).** Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

BORGES, Célia Maia (Org). **Solidariedades e Conflitos. Histórias de Vida e Trajetórias de grupos em Juiz de Fora.** Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2000.

- BOSCHI, Caio César. **Os Leigos e o poder**. Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986.
- CAILLOIS, Roger - **O Homem e o Sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- CHRISPIM, Karol Gruchenhka Lupatini. **Irmandade de Santo Antônio dos pobres de Simão Pereira (1867-1875): vivenciando conflitos e solidariedades**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2012.
- COLOMBO, Andre Vieira. **Imaginária Sacra em Juiz de Fora /André Vieira Colombo; Raphael João Hallack Fabrino; Valtencir Almeida Passos**. Juiz de Fora: Funalfa, 2008, 158p.
- CONTI, Servílio. **O Santo do Dia** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- CORRÊA, Eliane Machado; SILVA, Simone Santos de Almeida. **A Religiosidade nas origens do espaço urbano juiz-forano: petições e despachos para ereção de capelas em devoção a Santo Antônio. Memórias Eclesiásticas: Documentos comentados** / organizado por Mabel Salgado Pereira e Beatriz V. Dias Miranda Juiz de Fora: - Editora UFJF – Centro de Memória da Igreja de Juiz de Fora – Cehila/Brasil Núcleo Minas Gerais, 2000.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo. Perspectiva, 1994.
- ELIADE, Mircea. **O Mito do Eterno Retorno**. Lisboa: Edições 70, 1981.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano**. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992
- EVANGELISTA, Adriana Sampaio. **As Dores da Virgem Santíssima: motivo de fé e compaixão nas Minas Gerais – século XVIII**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2004.
- FERREIRA, Antonio Carlos Lemos, 1961. **A Devoção a Santo Antônio em Juiz de Fora (O Santo Fúção)**. Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2008.
- Festa e religião: imaginário e sociedade em Minas Gerais** / Mabel Salgado Pereira, Marcelo Ayres Camurça, Organizadores. _ Juiz de Fora : Templo Editora, 2003 158p.
- GALVÃO, Carmen Sílvia Machado; GALVÃO, Antônio Mesquita. **“Santo Antônio, a realidade e o mito”**, da Editora Vozes. Disponível em: <https://ofsabaete.blogspot.com/2012/06/especial-santo-antonio-de-padua_11.html >. Acesso em 04 de outubro de 2019.
- FONTES, Hênio Pereira. **A Prática Votiva Expressa na Relação Devoto-Santo no Catolicismo Popular: Um Estudo sobre os Ex-votos do Santuário Nossa Senhora da Penha** –

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, 2014.

GASPARETTO JÚNIOR, Antonio. **Direitos Sociais em Perspectiva: Seguridade, sociabilidade e identidade nas mutuais de imigrantes em Juiz de Fora (1872-1930)** / Antonio Gasparetto Júnior. 2013.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

JURKEVICS, Vera Irene. **Os santos da Igreja e os santos do Povo: devoções e manifestações de religiosidade popular**. Curitiba, 2004. Tese (Pós graduação em história) – Universidade Federal do Paraná, PR, 2004.

MARCHI, Euclides. **O Sagrado e a Religiosidade: vivências e mutualidades**. História: Questões e debates, Curitiba, nº 43, p.33-53, 2005. Editora UFPR.

OLIVEIRA, Maximiliano F. **Sinais da Igreja no Juiz de Fora**. Traços históricos, Juiz de Fora: Tomo I, 2. Ed. 1976.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional da UFJF / Editora da UFJF, 1994.

QUIOSSA, Paulo Sérgio. **Mistério da fé: a Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de Santo Antônio de Juiz de Fora (1854-1962)**/ Paulo Sérgio Quiossa – Juiz de Fora (MG): FUNALFA Edições, 2006.

SANCHIS Pierre (Org.). **Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.

VERAS, Marcos Flávio Portela; DE BRITO, Vanderli Guimarães. Artigo 4: **Identidade étnica: A dimensão política de um processo de reconhecimento**. Ano 4 – Volume 5- Maio de 2012.

3. Catálogos, álbuns e dicionários

Catálogo da Exposição da Arquidiocese de Juiz de Fora: Nossa História é de fé, nossa Igreja tem arte, 2011.

ESTEVES, Albino. **Álbum do Município de Juiz de Fora**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte: 1915.

HEINZ-MOHR, Gerd. **Dicionário dos Símbolos, imagens e sinais da arte cristã**. São Paulo: Paulus, 1994.